

# três poemas

Valeska Torres<sup>1</sup>

## Pincelar pretéritos

Saúdo o pêndulo bronze que afiado rasga o tempo à medida que a  
[pele flácida desfia os clarões das tempestades.  
Saúdo as mãos que tricotam a lã,  
a pele da ovelha arrebanhada que do curtume aquece  
minha mãe, a mãe de minha mãe, e toda uma geração de mulheres  
[que costuraram as roupas de suas filhas.  
Saúdo o cheiro de feijão fradinho que atravessa os cipós da mangueira  
brota manga espada  
atravessa o calcário da laje que batem acima de nossas cabeças. O uivar  
dos cães no ensolarado dia que cristaliza a cidade.  
Saúdo a lápide onde dormem os esqueletos de uma árvore genealógica  
[que se rendeu  
a pá do coveiro diante de sua morte.

Que bagaço resta a mim?  
Palmilho qual terra para te encontrar, ancestralidade?  
Choro em qual cova?

Cerro meu cenho,  
dichavo a planta que resta,  
do pretérito pinto em urucum  
as passadas esfareladas na areia.  
Atravessar o atlântico,  
jangada  
até descarroçar sape-sape.

---

<sup>1</sup> Valeska Torres (1996) é uma poeta natural Marechal Hermes (RJ) e reside, atualmente, em Brás de Pina. É autora de *O coice da égua* (7letras, 2020). Participou de coletâneas e antologias de poemas, contos e crônicas: *Do rio ao mar* (Turista Aprendiz, 2015); *Seis temas à procura de um poema* (Flup, 2017); *Alma – projeto identidade* (Conexão 7, 2018). Seus poemas também foram publicados em revistas digitais e fanzines no Brasil, Argentina e Paraguai. Fez residência no Festival Internacional de Poesia de Rosário, Argentina. E-mail: valeskaangelo@gmail.com.

## Orvalho

Contrária a evaporação,  
orvalho. Eu orvalho  
retenho a água que faz de mim cataratas. Eu orvalho  
tomo corpo do ar, inspiro, estendo diafragma  
– peito estufado escancarado frente ao céu – amoleço  
feito bexiga esvaziada.  
Eu orvalho  
chuvisco no crepúsculo  
esmaltada cor lilás matutina.  
Entre as teias  
enroscam as gotas miúdas ume-  
deço  
até o caule do orégano,  
onde esparramo o meu líquido por qualquer que seja  
a superfície.

\*

Sem título

deixar escorrer a carne sumarenta  
até  
grudar fiapos entre os dentes e  
da quentura a blusa esgar-  
çada  
cumprimentar desconhecidos  
cantar

\*

*Poemas escritos em 2020  
durantes as oficinas de escrita da  
Ryane Leão, Carol Dall Farra e Nina Rizzi.*